

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL
Endereço telegráfico: Tathaba — Lisboa — Telefone 5339-0
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115
ANO IV — Número 1.099
Quarta-feira, 21 de Junho de 1922
PREÇO \$10 CENTAVOS

Nos últimos dias tem sido enclausurada as criaturas conhecidas como republicanas e outras que não deixaram de ser adeptas da monarquia. Os políticos enclausuram-se uns aos outros, e... deixam em paz os que trabalham. Uma vez ao menos!

PROBLEMAS A RESOLVER NO CONGRESSO NACIONAL OPERÁRIO

Para cumprimento integral por parte do Estado e da Patronal de algumas liberdades e regalias, é necessária uma acção enérgica da organização operária

Dosde a realização do II Congresso Nacional em Coimbra, em que a organização sindical portuguesa tomou um maior incremento com a constituição da C. G. T., que nós vimos constatar um ataque cerrado por parte do Estado e da fantasmagórica Confederação Patronal, contra a vida e a liberdade dos trabalhadores e inclusivamente contra o povo consumidor.

Os maiores ataques, as mais indignas extorções, os mais torpes vexames, as mais acinzentas perseguições tem sido movidas por esse inimigo comum — o Estado e a Patronal — contra o proletariado organizado.

Pretendendo suprimir liberdades e regalias conquistadas à custa de tantos esforços, não hesitam em praticar os maiores crimes e vilanias, seguros como estão da sua impunidade.

Tomamos como exemplos: o labor de 8 horas máximas, a liberdade de imprensa, do reunião e de pensamento, o direito à greve e tantas outras liberdades, que vemos sendo espolhadas sem o menor respeito pela sua legitimidade.

Ora o próximo Congresso Nacional Operário deve indubitavelmente ocupar-se a valer destes magnos problemas, traçando a sua acção de forma a poder agir de futuro no sentido de manter integralmente estas pequenas conquistas.

E essa acção não consiste em implorar-se aquilo que só a acção directamente revolucionária das massas organizadas poderá impor à pirataria burguesa-estatal.

A prática e os acontecimentos destes últimos anos ocasionados pela terrível hecatombe universal que durante 4 anos enlutou a humanidade, tem-nos deparado com fenômenos sociais até hoje desconhecidos. Por sua vez a Revolução Russa, que para muitos se afigurou o último golpe lançado nas instituições capitalistas, deu o exemplo do que pode o povo na conquista dos seus direitos.

A sua orientação, porém, preconizada pelos marxistas, estagnou, dando um resultado contra-productivo, ao mesmo tempo contribuindo para um maior aperfeiçoamento da organização sindical

Conferências

Curso de Naturismo

Na Sociedade Naturista, R. da Madalena, 225, 1.º, realiza hoje, 4.ª feira, às 21 horas, o professor sr. Horácio Inglês Tavares, uma conferência pública sobre a importância da natureza e os princípios e práticas da higiene natural, na qual versará os seguintes assuntos:

— Os Estímulos: Divisão dos estímulos. — Emprego racional dos estímulos. — A água: Aplicação interna. — Aplicação externa. — Banho Naturalista. — Naturismo: Naturalismo e Naturismo. — Alimentação e suas divisões. — Alimentação racional. — Efeitos do omnivorismo. — Os 22 inimigos do ser humano. — Alimentação racional. — Regimes alimentares anti-cadavéricos. — Como devem ser cosidos os alimentos. — Os 12 amigos da criatura humana. — Banhos de Ar e de Luz. — Banhos de Sol. — O exercício ao ar livre. — O que é o Naturismo. — O UNICO — transformador do melhorador físico, moral e social. — Divisão do Naturismo. — Porque convém ser naturista. — Como são os naturistas. — Como nasce, vive e morre o naturista. — Quem mais lucra com o Naturismo. — De que maneira se devem criar os filhos. — O que é a obesidade? — Porque é que os indivíduos de ambos os sexos, dos 40 anos em diante, em geral se tornam gordos? — Porque vemos crianças obesas? — Como se faz desaparecer a obesidade? — Como se dividem os propagandistas naturistas? — Espera-se a comparsa de camaradas com suas companheiras, filhos e amigos.

Trabalhadores: Lede e propaguei a BATALHA

A VIAGEM ÁEREA LISBOA-RIO

Manifestações na província
EM SANTAREM

As festas pela vitória do «raid» Lisboa-Brasil

SANTAREM, 19 — C. — Após a chegada da notícia, subiram ao ar morteiros e foguetes sem conto. O nosso velho «cabaceiro» — de todos e para tudo — tocou incessante e ensurdecedoramente.

A noite repetiu-se a representação da opereta «O Sonho da Luísa», sendo antes de iniciado o espectáculo feita uma apoteose aos sábios aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a qual decorreu brilhante. Falou J. A. Sousa, que, esquecendo a ciência do passo avançado para o progresso da humanidade, que representa o feito dos aviadores, envolveu-o num «recheio de patriotismo». A opereta agradou-me novamente, só pelos 29 números de linda música.

Ontem prosseguiu com entusiasmo o cumprimento do programa de festas já elaborado anteriormente pela câmara e uma comissão. A cidade estava vestida de gala, as janelas distinguiram-se entre colchas de seda as filhas da burguesia endinheirada; essas meninas de «malícia» habilmente penteadas, faces porcelanadas com exagero, peitos decotados e braços em provocante exposição, desafiavam em contraste, os braços descalçados, pela miséria que a envolvia, dum infeliz de 18 anos, que na praça, de passagem, me informaram ter sido seduzido e abandonado. Inspirou-me tanta revolta o quadro que esta sociedade me mostrou enquanto, no auge dum «patriotismo» cerebral se queimavam morteiros, foguetes, e verdadeiros muros nos discursos de eloquência brava nos feitos guerrilheiros, que prometo indagar da eu vi de cabelos desgrenhados e tez faminta, ocupando-me dela brevemente.

Continuo porém a relatar: A cidade estava vestida de gala; de manhã a multidão tocou ao ar das bandeiras, às onze horas bôdo aos pobres, às 13 horas grande cortejo percorreu as ruas colando flores que foi depositar no túmulo de Pedro Álvares Cabral, que se encontra na igreja da Graça, em frente da qual uma multidão formidável se juntou, que aplaudiu no largo ouvir os diversos oradores que dum tribuna ali colocada, falaram muito, disseram muito altivamente os aviadores heróicos, olvidando a magnitudem da gloriosa vitória aérea, classificaram de bela aventura arriscada, comparando-a com tradicionais feitos guerrilheiros, e enaltecendo a raça, como fazendo monopólio. Patriotismo em alto consumo.

Dizer que os cépticos aeronautas realizaram uma obra científica, com o invento do matemático Gago Coutinho e com o pulso guiador de Sacadura Cabral, que aproveitaria à humanidade em geral, porque o mundo científico, culto e quando emancipado deixará de ter fronteiras que dividem os povos em pátrias, onde cada um desses povos, que se debatem e confrangem na ância de melhores dias, não se deve arrogar no direito de monopolizar para si os conhecimentos e factores de civilização de que todos carecem — isto digo eu aqui, porque os nossos contrarrevolucionários só fizeram «recheios de patriotismo».

Terminados os discursos seguiu-se um Desafio de futebol

Entre os «Leões» e os «13», pelas 18 horas, foi jogado um desafio de futebol, que deixou surpresa toda a assistência.

Antes do Congresso... PROBLEMAS A RESOLVER

Em que se insiste num e se fala de outro

Não fui eu, quem, pela primeira vez, aventurei em A Batalha, o estabelecimento da cota sindical de 50 centavos; já C. R. no n.º 678 de 22 de Fevereiro de 1921, apontava essa necessidade, fazendo-a de uma forma conclusiva e indicando-a ao Congresso Nacional Operário que, como se sabe, esteve para reunir próximo de aquela data.

Pois bem; a realização do Congresso aproxima-se e realmente é necessário pensar neste assunto, pois se não se resolveu é que a organização operária pode marchar mais aceleradamente.

Os organismos operários não possuem instalações cómodas e em indico, mesmo como reforma imediata, a transferência para edifício próprio, da C. G. T., e consequentemente do seu órgão na imprensa e da U. S. O. de Lisboa.

Pelos cálculos apontados por C. R., com a cota semanal de \$50, a percentagem da C. G. T., por 120.000 em federação e a \$10 por confederado — seria por ano, qualquer coisa como 624.000\$00.

C. R. descremina nesta verba, metade para a C. G. T. e outra metade para A Batalha, visto que estabelece \$05 por confederado para cada um destes organismos.

Eu não puz assim, pois é minha opinião que da C. G. T. é que devem sair as verbas a gastar com o seu órgão; por isso englobei a verba destinada para A Batalha na percentagem da C. G. T.

Fala também C. R. na substituição de U. S. locais por regionais; outro ponto com que concordo e, salvo erro, trabalhos nesse sentido serão presentes ao Congresso.

Tanto ao U. S. como ao P. I. ficavam, também, numa situação tal que lhes permitia dedicarem-se, respectivamente, às questões regionais de interesse colectivo e às questões técnicas.

Outro assunto: Há sindicatos que, num intuito assaz louvável, mantêm nas suas sedes, aulas com um sermão pomposo, embriagador, o cônego Mendes do Carmo, que se encontrava clerical e rigorosamente fardado, convidando no fim, o povo para um «Té-Deum» na Sé. O povo sugestionado, lá foi, na sua maioria...

Comentários, também os não fazemos aqui. Simplesmente diremos: Muita gente, talvez o povo em geral, colaborou nas festas com sinceridade; mas também muita gente fez política, especulando com o assunto. O sr. governador civil, especialmente, mostrou que era um... insigne político, tendo já a sua corbata de... louros e respectiva condecoração.

C. G. T. Comissão Organizadora do 3.º Congresso Nacional Operário

Para continuação dos seus trabalhos, reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão.

LEDE A Novela Vermelha

LEDE A Novela Vermelha

CONGRESSO NACIONAL OPERÁRIO

SINDICATOS DE INDÚSTRIA — Relator: Manuel Joaquim de Sousa

3) Neste sindicato desapareceu a base da indústria prima, como desapareceu a base industrial.

E não pretendemos examinar ainda outras anomalias como as que se observaram com o pessoal dos telefones, da iluminação, não deixando contudo de registar o facto de, da mesma organização, fazerem parte os carpinteiros de moldes, cuja matéria prima é a madeira.

Registamos estes factos para se terem bem presentes as anomalias determinadas pela desagregação a que deu lugar a falta de uma base segura para os sindicatos considerados «únicos».

Algumas outras anomalias vamos registar, pelo que respeita a outros organismos. Mas antes de encerrar este capítulo convém frisar que a base da matéria prima é a que menos pode servir para a organização dos Sindicatos. Estes organismos, pela sua própria natureza, tem que acompanhar todo o desenvolvimento industrial, cada vez mais intenso e sempre mais complexo.

Uma dada matéria prima tem diferentes aplicações em variadas indústrias. Este é o supremo e racional motivo que obsta a que a matéria prima sirva de base aos sindicatos. O sindicato metalúrgico é o único que pode ter aquela base, visto que os produtos da indústria são todos metálicos. Contudo há limites que é necessário respeitar. Nem todos os trabalhos com metais podem fazer parte desse sindicato.

A conveniência da sua organização — e este princípio tem aplicação em todas as corporações profissionais — termina onde principia a necessidade de agrupar os operários das diferentes indústrias adstritas ou componentes de outras indústrias.

Não se pode ainda concluir nada de positivo pelo que respeita ao valor da acção dos Sindicatos Únicos. Tem havido vitórias parciais em algumas lutas, mas ao lado destas constata-se igualmente derrotas, sem que esse facto pareça influir na forma da sua constituição.

Convém entretanto frisar que a falta de base para a constituição daqueles sindicatos, trouxe ainda outros inconvenientes.

Sindicatos mistos

Por se ter considerado que não havia razão para a existência de certos — não de todos... — Sindicatos mistos, constataram-se precipitações e exageros lamentáveis, cujo esclarecimento se nos afigura necessário, embora torne este trabalho longo e fastidioso.

E' que sendo necessário refazer a organização em base sólida e duradoura para corresponderem à luta com vantagem e aos fins de emancipação, sendo necessário emendar os erros que a prática da organização nos tem demonstrado, nem sempre se pode tratar estas questões sob o ponto de vista ginecérico, sem descer ao pormenor, para não correremos o risco de ser mal compreendidos pela massa organizada, que infelizmente não está armada com uma grande cultura para assimilar as questões áridas.

Pôsto isto entremos na questão. Oitenta, e ainda hoje, só eram considerados sindicatos mistos aqueles que nas pequenas localidades eram organizados, por o reduzido número de operários de cada indústria ou profissão não permitir organizações especializadas. Esses sindicatos especializados, esses

mesmos eram e são únicos, desde que outros não existam na localidade. Antes destes, e então com mais propriedade, mistos eram só as corporações que agremiavam operários e patrões — tal e qual como agora pretendem os integralistas.

Mas, mistos são, necessariamente, todos os Sindicatos de Indústria, e mais mistos virão a ser desde que as indústrias se vão desenvolvendo, tornando imprescindível a colaboração e integração de operários de profissões diferentes na sua constituição orgânica. Sob este aspecto trataremos da questão de pois. Por agora vejamos o que a experiência demonstrou com os organismos refundidos precipitadamente.

Aceite o incompreendido critério dos Sindicatos Únicos, os operários que eram sindicatos e exerciam a sua acção social dentro de sindicatos das indústrias a que estavam adstritos, marcharam a incorporar-se nos Sindicatos Únicos, ficando assim privados da faculdade de poderem exercer a sua influência nas indústrias de que faziam parte.

Essa desagregação produziu um natural enfraquecimento que foi habitualmente aproveitado pelo patronato. Basta citar alguns exemplos.

Os operários gráficos, carpinteiros, santeiros e serralleiros ao serviço da indústria dos Tabacos e que faziam parte portanto da Associação do Pessoal dos Tabacos ingressaram nos sindicatos únicos das suas profissões.

Quando das greves simultâneas da construção civil e metalúrgica em 1920, declarou-se igualmente em greve o pessoal extrajardim dos tabacos. Em virtude da desagregação antes estabelecida, o pessoal gráfico daquela Companhia (integrado portanto na indús-

tria dos tabacos) à semelhança dos sindicatos da construção e dos metalúrgicos, apresentou as suas reclamações em separado. O mesmo teve que fazer o pessoal profissional. Resultado? A Companhia recebeu para o seu pessoal reclamações de um sindicato, de outro e de outro; jogou com as reclamações e com os sindicatos, vendo-os e despidendo os melhores elementos, militantes de quase todas as profissões e obrigando o pessoal que regressou ao trabalho a aceitar novas condições humilhantes.

Porquê tudo isto? Por não haver a necessária homogeneidade, nem nas reclamações, nem durante a luta, que durou cerca de três meses.

Não escondemos que para aqueles desfecho contribuiu igualmente o facto de existirem duas associações do pessoal dos tabacos, e ainda a circunstância do pessoal da Regie ter ficado a trabalhar.

Este último facto, não invalida em nada as observações já feitas; só indica a necessidade de existência de um só sindicato da mesma indústria, integrando no mesmo todo o pessoal, embora de profissões diferentes, mas sujeito às mesmas condições de trabalho da indústria.

De não menor importância foram os factos sucedidos com o pessoal do município. Quando do Congresso de Coimbra os operários dos diferentes ramos do serviço do município possuíam um organismo, imperfeito embora, mas que agregava quasi todos as classes, tendo mesmo conseguido que o próprio pessoal de secretaria se lhe juntasse. A caminho duma organização potente, aqueles operários, logo após o congresso de Coimbra, com

uma precipitação evidente, desfizeram-se, uns para ingressarem nos sindicatos únicos, e outros para constituir o Sindicato dos Operários da Limpeza e Sanidade, outros entregues à sua própria sorte e ainda outros, os funcionários, que acabaram por constituir um Gremio — desejo antigo dos que não estavam animados do espírito de classe e que não se despojam de certo preconceito de superioridade.

Ora os trabalhos municipais não constituem, evidentemente, uma indústria. Estão contudo sujeitos a condições especiais, diferentes das da indústria particular.

Há para eles regulamentos próprios, que foram a uma maior afinidade entre todos os que se lhe sujeitam, qualquer que seja a sua profissão ou categoria. São essas regulamentações, com as suas condições especiais de trabalho, as suas imposições ou regalias, que determinam a natural junção de todos, a homogeneidade na luta para o triunfo dos seus direitos.

Em Barcelona há, ao lado do Sindicato dos Serviços Públicos (carris, água e luz) — serviços mistos e não municipalizados — o Sindicato do Pessoal dos Serviços Públicos Municipais. Ambos são «únicos», sem deixarem de ser mistos, e seguem a mesma linha.

Citamos Barcelona por ser de lá que partiu a lembrança da palavra «único».

Mas antes mesmo do Congresso de Coimbra, já um sindicato semelhante existia em Braga, vindo a organizar-se outro nas mesmas condições em Coimbra, que nas suas pequenas lutas tem obtido resultados.

Há que ter apenas em conta que naquelas duas cidades estão aqueles serviços municipalizados e que são orga-

nismos que lutam com as deficiências e as mesquinhas condições do meio ambiente.

Em Lisboa e Porto não se pode adoptar o mesmo molde, dada a circunstância de os serviços de viação eléctrica, a luz e a água, estarem monopolizados por companhias particulares diferentes.

Mas quanto aos serviços municipais, está perfeitamente certo que deverá existir um só sindicato para todo o pessoal, com as respectivas secções as quais, aparte a acção geral, comum a todas as secções, poderão ter autonomia para manter relações com os organismos da respectiva indústria particular, para efeitos de solidariedade, imposta pelas necessidades da luta.

Base orgânica da indústria

Entretanto é forçoso encontrar numa base segura que sirva de ponto de partida para a organização dos Sindicatos.

Em nosso critério não se encontra essa base: sem que se estudem as condições orgânicas de cada indústria. Essa base encontra-se na sua própria produção.

Pois o que é que constitui a base de qualquer indústria?

O produto que a mesma realiza.

Há, pois, que atender a essa circunstância fundamental, quanto a nós, para a organização dos sindicatos.

E assim que se explica a correlação existente no paralelo desenvolvimento do industrialismo e do sindicalismo nos países mais adiantados, e é em virtude daquele facto que modernamente a organização sindical vai buscar-se ao seio da própria fábrica.

Temos em Portugal ainda muito das indústrias medievais — a pequena indústria, ou a indústria caseira. Mas, paralelamente, temos a grande indústria, em pleno desenvolvimento, que o mesmo é dizer, mais complexa, exigindo o concurso directo de operários de várias profissões, do mesmo modo que exige a aplicação de variadas matérias primas.

A indústria caseira, pelas leis da evolução, está condenada a desaparecer, pela aplicação da mecânica nos mais variados trabalhos, correspondendo a modernas necessidades. O operário fica assim preso, quasi parte componente da máquina, à própria produção.

Como a pequena, a grande indústria também não dispensa o operário manual das proissões sedentárias, como não dispensa o servente, o empregado de armazém e de escritório, o pessoal administrativo e o técnico.

São como que peças da mesma máquina, órgãos e células do mesmo corpo exercendo funções distintas, mas num ritmo combinado de esforços, como um corpo vivo, organizado sistematicamente para realizar um objectivo — o produto, ou o conjunto de produtos que caracterizam a indústria.

E' pois, aquele conceito mecânico que constitua o próprio fundamento genético do Sindicato de Indústria.

O Sindicato só será completo para corresponder à sua missão apropriada e renovadora quando no seu seio reúna todos os componentes da indústria, postos de parte os preconceitos e morais do corporativismo profissional e da hierarquia, quando esta se distinga da feição autoritária e por vezes tirânica, imposta pelos interesses de exploração patronal.

(Continua)

